CHAPTER XI

CECILIAN LYRICISM AND THE EMPOWERMENT OF CHICA DA SILVA IN THE WORK ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA BY CECÍLIA MEIRELES

O LIRISMO CECILIANO E O EMPODERAMENTO DE CHICA DA SILVA NA OBRA ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA DE CECÍLIA MEIRELES

DOI: 10.51859/amplla.sset.3125-11

Madja Aline Fernandes de Melo [1]

[1] Mestra em Ciências da Linguagem pela Universidade do Estdo do Rio Grande do Norte – UERN.

ABSTRACT

This article analyzes the insertion of Cecília Meireles' poetry into the modernist aesthetic, focusing on the gender issues present in the work Romanceiro da Inconfidência (1953). The research proposes a reflection on the Romanceiro genre as a form of lyrical expression and historical and social representation, highlighting the figure of Chica da Silva as a symbol of resistance and female empowerment. By writing about a former slave who rose socially in the 18th century, the poet contributes to the construction of a critical and poetic historical memory, challenging patriarchal and racist structures. The analysis is based on the studies of Di Stefano (2009) and Ferré (2011), in the field of romance, and dialogues with the concepts of feminist and gender literature proposed by Lélia Gonzalez (2020) and Judith Butler (2018), highlighting the intersection between literature, feminism and blackness.

Keywords: Cecília Meireles. Romance. Gender. Feminism. Chica da Silva. Brazilian literature.

RESUMO

Este artigo analisa a inserção da poesia de Cecília Meireles na estética modernista, com foco nas questões de gênero presentes na obra Romanceiro da Inconfidência (1953). A pesquisa propõe uma reflexão sobre o gênero Romanceiro como forma de expressão lírica e de representação histórica e social, destacando a figura de Chica da Silva como símbolo de resistência e empoderamento feminino. A poeta, ao escrever sobre uma ex-escravizada que ascende socialmente no século XVIII, contribui para a construção de uma memória histórica crítica e poética, desafiando estruturas patriarcais e racistas. A análise fundamenta-se nos estudos de Di Stefano (2009) e Ferré (2011), no campo do romanceiro, e dialoga com os conceitos de literatura feminista e de gênero propostos por Lélia Gonzalez (2020) e Judith Butler (2018), evidenciando o cruzamento entre literatura, feminismo e negritude.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Romanceiro. Gênero. Feminismo. Chica da Silva. Literatura brasileira.

1 INTRODUÇÃO

Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901 – 1964), de acordo com a historiografia da literatura brasileira está inserida no Modernismo brasileiro na perspectiva bosiana (1994, p. 460) que introduz, "No início da sua carreira literária aproximou-se do grupo de *Festa* dirigido por Tasso da Silveira. Anos depois, preferiria trilhar caminhos pessoais, mais modernos.". Contudo, sua vasta obra literária perpassa por vários momentos literários da história da Literatura do Brasil. Lírica e intimista, Cecília aborda temas como: a precariedade da vida, o amor, a morte, a religiosidade, a fugacidade do tempo e, contribuiu de maneira significativa para a educação, a literatura infantil e para a história do Brasil com o seu pontuado *Romanceiro da Inconfidência*.

A grandiosidade da obra desta poeta transcende as linhas temporais de qualquer distinção escolástica, pois Cecília, que iniciou antes da semana de 1922, fê-la partir de um *Espectros* (1919) constituído por 17 sonetos os quais Darcy Damasceno (2013, p. 12-13) os descreveu assim: "parece assemelhar-se a um exercício malogrado; aos passos iniciais de uma estreante (...)". Logo que, essa primeira Cecília[1] surgira, ainda completamente desconhecida, recebera suas primeiras alfinetadas por parte da crítica literária da época e da posteridade, ainda estamos falando de uma Cecília Meireles estreante, uma jovem autora que viria depois a tornar-se "uma das maiores vozes poéticas da língua portuguesa contemporânea", como afirmou Bosi (1994, p. 460).

Com o passar do tempo, depois da sua primeira obra publicada em 1919, o tempo que se abre Modernista para ela, mostra que Cecília se reinventa, uma vez que sua obra ascende-transcende em lampejos multifacetados ao longo de sua vida como poeta, dando lugar, voz e vez ao outro. Dentro deste percurso criativo da mulher escritora, em 1953, a Poeta lança a obra *Romanceiro da Inconfidência*, um marco da literatura histórico-social. Assim sendo, Massaud Moisés (2007, p. 51) a considerou como "uma das mais altas vozes líricas do Modernismo brasileiro".

Deste modo, este estudo será construído a partir do estudo da obra *Romanceiro da Inconfidência* (1953)[2], com ênfase dada a um romance inserido na obra supracitada de Cecília Meireles cujo tema proposto será "O lirismo ceciliano e o

[1] SAMYN, p.10, 2013.
[2] *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953. 300 p.

empoderamento feminista de Chica da Silva na obra Romanceiro da Inconfidência de Cecília Meireles" objetiva tratar o espaço ocupado por Chica da Silva (uma ex-escrava) no século XVIII. Concerne, a disparidade e hegemonia acrescida a esta personagem que ascendeu na sociedade de maneira singular e conquistou um espaço de requinte em um contexto social ainda aguerrido e frágil historicamente. Neste viés, traçando um percurso ao qual objetiva-se com a construção deste estudo, é necessário discorrer sobre suas etapas e nuances. Tal obra da grandiosidade de Cecília é fruto de muita pesquisa histórica, como a própria Cecília descreve-o em sua palestra conferida em Ouro Preto em 1955 (p. 253) "quatro anos de quase completa solidão, numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século XVIII".

Este estudo poderá possuir relevância para a área dos estudos de gêneros literários dentro da poesia e a identificação do *como* ela está inserida dentro da estética modernista de Cecília Meireles – ao mesmo tempo em que trata de um período anterior, no qual acontecia o Arcadismo brasileiro. A poeta mulher - por meio do gênero Romanceiro; bem como também, e, principalmente está inserida na área de estudo das questões de gênero, pois trata-se de uma mulher escrevendo sobre outra mulher no contexto histórico, literário e cultural brasileiro.

Para isso, subdividido em dois tópicos: "o gênero romanceiro: de Cecília à Di Stefano"; "literatura feminina e feminista para estudo do Romanceiro da Inconfidência". Tem por finalidade traçar um percurso sobre o gênero romanceiro trazendo o próprio estudo de Cecília Meireles em sua conferência escrita em 1955 "Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência", o estudo *Romancero* (2009) de Di Stefano e *Romanceiro e memória* (2011) de Ferré. Para o segundo tópico, faremos um levantamento sobre a literatura feminina e feminista trazendo os conceitos e contribuições de Lélia Gonzalez (2020) no que tange a área do feminismo e negritude, para as questões de gênero traremos a pauta defendida por Judith Butler em seu livro *Problemas de gênero* (2018).

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA:

2.1 O gênero romanceiro: de Cecília à Di Stefano

Em meados do século XX, mais precisamente na década de 1940 e início dos anos de 1950, a poeta e jornalista Cecília Meireles (1901 – 1964) escrevia, nesse marco temporal, sua obra *Romanceiro da Inconfidência*. Obra esta que condensa os

acontecimentos da Inconfidência Mineira (1789 – 1792) também conhecida como Conjuração Mineira[3], que trouxe a poeta dos inconfidentes sua estreia em um gênero literário pouco discorrido aqui no Brasil[4], o gênero *romanceiro*. Di Stefano (2010, p. 7) conceitua-o da seguinte forma:

> El *romancero* es un género narrativo en verso, con riesgos líricos más o menos marcados. En su formación influyeron la poesía épica juglaresco y la poesía lírica, en un contexto de producción y consumo artísticos de la mayoría, enlazado con tradiciones de la literatura popular europea.

Ao passo que conceitua-se o gênero referido como um poema de narrativa longa que tem seu caráter demarcado na poesia épica, em suma, trata-se de um poema que narra heroicamente certos acontecimentos históricos demarcando uma aliança fortemente entrelaçada da história com a poesia. Não obstante, faz-se necessário discutir sua origem. Assim sendo, Di Stefano (2010, p. 7 - 8) diz que "sus orígenes se colocan, por conjetura, entre los ss. XVIII y XIV, pero su atestiguación textual directa no antecede los primeros decenios del s. XV, según la documentación actual.". Ou seja, vale ressaltar que o surgimento do gênero não se deu de imediato de forma escrita, mas sim, de forma oral, com versos rimados que davam uma tonalidade mais branda à musicalidade.

Outrossim, o *Romanceiro*, obra deste estudo, trata-se do gênero apresentado. Desta forma, Cecília Meireles (2012, p. 252) descreve-o assim, no seu texto "Como escrevi o Romanceiro" (1955), conceituando-o da seguinte forma "O *Romanceiro* teria a vantagem de ser narrativo e lírico; de entremear a possível linguagem da época à dos nossos dias [...]". A poeta da *reinvenção*, não quis se distanciar da linguagem acessível e popular que sua obra compunha, decidiu narrar com muita autenticidade e clareza aqueles acontecimentos históricos. E fê-lo com a maestria que lhe acompanha desde *Espectros* até a chegada da "voz irreprimível dos fantasmas"[5] pedindo-lhe para escrever as suas histórias, dando forma e ritmo ao *Romanceiro da Inconfidência*.

---

[3]Foi "um movimento de revolta ocorrido nas últimas décadas do século XVIII, teve um caráter distinto do movimento que levou à Guerra dos Mascates, em razão das especificidades do contexto econômico da exploração aurífera e da maior concentração urbana existente em Minas Gerais."(MESGRAVIS, 2020, p. 129).

[4]Sabe-se que Santa Rita Durão (1722 – 1784) poeta do arcadismo brasileiro produziu uma obra intitulada *Caramuru* (1781) cujo gênero literário trata-se de um poema épico, narrando o descobrimento-exploração da Bahia.

[5] MEIRELES, 2012, p. 252.

No entanto, não foi Cecília que escolheu escrevê-los assim, eles que se compuseram “sozinhos”, como ela mesma afirma em conferência proferida em Ouro Preto em 1955 (p.251):

> Digo ‘que ele se foi compondo’ e não ‘que foi sendo composto’, pois, na verdade, uma das coisas que pude observar melhor que nunca, ao realizá-lo, foi a maneira por que um tema encontra sozinho ou sozinho se impõe seu ritmo, sua sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

Tomada por essas vozes fantasmagóricas na qual Cecília faz tanta referência, acredita-se que ela fora escolhida pelo gênero romanceiro e não o contrário. A poeta do *Romanceiro* deixou-se ser. Não foi contrária àquilo que acreditava e sentia quando pontuou; “(...) aqui, o artista apenas vigia a narrativa que parece desenvolver-se por si, independente e certa do que quer.” (p.252). Ao tratar de uma obra que retrata parte da história da Inconfidência Mineira (1789 – 1792), Cecília preocupou-se em narrar os acontecimentos de modo mais ou menos singelo, queria-os ao alcance popular, tal cuidado se percebe em sua fala - “Porque há obras que existem apenas para o artista, desinteressadas de transmissão; outras que exigem essa transmissão e esperam que o artista se ponha a seu serviço, para alcançá-la. O *Romanceiro* é desta segunda espécie.” (Meireles, 2012, p.252).

O gênero romanceiro tem suas características demarcadas, o que é comum aos gêneros textuais. Ao falarmos sobre tal gênero estamos falando em versos, em métrica, em rimas, em redondilhas e narrativas, o que se convenciona a um romanceiro tradicional. No *Romanceiro da Inconfidência* como bem pontuou Silva e Costa (2012, p. 12) ao falar da obra ceciliana “no seu predomina a redondilha maior, ainda que haja também versos de cinco, seis ou mais sílabas, dotados de rimas soantes e toantes, ou, com menor freqüência, brancos”.

No entanto, parece que Cecília Meireles não se ateve muito a tais elementos. Quando falamos aqui “se ater”, dizemos que essa não era sua principal questão tendo em vista o que já levantamos no início do texto. Deste modo, para Cecília (2012, p. 251-252):

> O *Romanceiro* foi construído tão sem normas preestabelecidas, tão à mercê de sua expressão natural que cada poema procurou a forma condizente com sua mensagem. Há metros curtos e longos; poemas rimados e sem rima, ou com rima assoante – o que permite maior fluidez à narrativa. Há poemas em que a rima aflora em intervalos regulares, outros em que ela aparece, desaparece e reaparece, apenas quando sua presença é ardentemente necessária. Trata-se, em todo caso, de um ‘romanceiro’, isto é, de uma narrativa rimada, um romance: não é um ‘cancioneiro’ – o que implicaria o

sentido mais lírico da composição cantada.

Cecília, que trouxe sempre em sua obra esse traço predominantemente lírico com versos e poemas com tons musicáveis, agora entrega-se rendida às narrativas deste *Romanceiro.* Uma poeta singular que não hesitou na incumbência que lhe caíra em mãos. Mergulhou nesse mar de fantasmas, deu-lhes voz e vez. Cecília Meireles não foi poeta somente dos grandes, não falou apenas da efemeridade da vida, apontou, em sua escrita, reflexão sobre questões sociais, questões de identidade e da negritude. Vale a ressalva que ao abarcar tais questões estamos falando de uma mulher (branca) que escrevia na década de 1940 a 1950 e fazia inferências e discordava de alguns ideais. Mas, para a grandeza desse estudo ao elegermos um romanceiro para o *corpus,* o "Romance XIV ou Da Chica da Silva" buscaremos aproximá-lo com o nosso referencial teórico acerca do que propusemos discorrer.

3 LITERATURA FEMININA E FEMINISTA PARA ESTUDO DO ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA

O movimento feminista no Brasil tem raízes profundas que remontam ao período colonial, mas sua organização e consolidação ganharam força ao longo do século XX. Esta seção tratará de fazer um levantamento sobre a literatura feminina da escritora do *Romanceiro da Inconfidência.* Além disso, nos propomos a discutir, em termos teóricos, o percurso do feminismo no Brasil até alcançar a cronologia contemporânea de Cecília Meireles quando ela mesma trata dessa questão da equidade de gênero; além de tratarmos, também nesta sessão, de teorias feministas que possam ser aproximadas de nosso objeto de estudo, com foco no *corpus*: os Romances acerca de Chica da Silva.

3.1 Cecília Meireles: uma voz feminina na 1ª metade do século XX

Cecília Meireles (1901- 1964) foi uma importante voz do feminismo aqui no Brasil, embora muitos estudos não a situem com tal importância. A menina órfã, carioca de classe média, criada pelos avós, crescera rodeada de livros aos quais destaca sempre sua importância ao dizer (2010, p. 12): "Desses velhos livros de família, as gramáticas, sobretudo a latina e a italiana, me seduziram. Assim também as partituras e livros de música." Cecília teve seu destino demarcado pelas letras, apaixonada pelo magistério desde cedo, sabia o caminho que queria percorrer e fê-lo com magnificência.

A Poeta do *Romanceiro* foi além, dotada de uma capacidade ímpar, Cecília falou das coisas simples da vida, escreveu poesia para crianças, tomada pelo seu instinto maternal, falou sobre suas viagens e percepções de mundo e tocou nas feridas da sociedade quando escreveu sobre as conjecturas do trabalho feminino no Brasil trazendo a figura feminina para o centro, mostrando as nuances que escondiam a mulher do seu universo, o universo do saber, de ser, de poder. O mesmo universo masculino que oprimira esta mulher do seu papel de destaque na sociedade - Ser mulher.

Cecília, intrinsecamente ligada aos fatos da luta por igualdade das mulheres, tecia seu valioso trabalho em jornais no qual escrevia artigos sobre assuntos diversos, dentre os quais alguns nos chamaram bastante atenção. Como é o caso do artigo intitulado "Trabalho feminino no Brasil" publicado em julho de 1939 e "Cenas do Trabalho feminino" publicado em março de 1940. Nesses artigos, Cecília faz duras críticas ao espaço que a mulher ocupa na sociedade daquela época, fala de suas limitações no trabalho, levanta pontos importantes a serem questionados sobre a mulher, porém, vale uma ressalva aqui, resta saber se a mulher daquela época tinha acesso aos jornais ou ainda era algo muito elitizado, ficaremos indubitavelmente com a segunda opção.

4 A PRESENÇA EMPODERADA E FEMINISTA EM O ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA: CHICA DA SILVA

O romance escolhido para análise, trata-se de parte elementar do *corpus* eleito para o nosso estudo que foi: "Romance XIV ou da Chica da Silva". Concomitante, traçaremos o perfil empoderado e feminista da "negra que manda" como foi feito dentro da lírica ceciliana, trazendo ao centro uma personalidade negra na figura de Chica da Silva no contexto colonial brasileiro. Antes, é necessário trazermos aqui um pouco da história dessa ex-escrava ascendida socialmente ao se casar informalmente com um homem rico e branco e levantar contradições dentro da história do Brasil. Segundo a historiadora Furtado (2006), Chica da Silva nasceu entre 1731 e 1735, no Arraial Milho Verde, comunidade pertencente a Diamantina, era filha de Maria da Costa, escrava negra, e de Antônio Caetano de Sá, homem branco. Chica, na condição de escrava, primeiramente foi propriedade de Domingues da Costa e depois escrava doméstica do médico Manuel Pires Sardinha[6]. Logo depois, em 1753, João

[6] FURTADO, p. 56.

Fernandes de Oliveira compra-a de Manuel Pires Sardinha, por 800 mil réis, a escrava Chica da Silva.[7] Ao passo que a ex-escrava adquire a liberdade passa a se chamar Francisca da Silva de Oliveira, casada de maneira informal com o desembargador João Fernandes de Oliveira com quem tivera treze filhos.

Chica da Silva, apesar de fugir dos padrões escravocratas de sua época, consegue ser uma figura emblemática e de grande relevância para a sociedade colonial, sua busca por liberdade fez-lá conquistar uma legião de admiradores, sua imagem reluzente abrange a história afinal é "à Chica-que-manda".[8]

O *corpus* analítico deste estudo *"Romance XIV ou da Chica da Silva"* e *"Romance XV ou das cismas da Chica da Silva"*, do livro *"Romanceiro da Inconfidência"*, de Cecília Meireles, podem ser analisados a partir da perspectiva das reflexões de Lélia Gonzalez (2020) sobre feminismo e o feminino, especialmente porque essa obra lida com questões relacionadas à mulher, à raça e ao contexto histórico-social brasileiro. Gonzalez (2020) sublinha a importância de se considerar as múltiplas formas de opressão que as mulheres enfrentam, em especial as mulheres negras, e isso ressoam com a análise desses romances. Além, das contribuições de Joice Bert (2019) em sua obra *Empoderamento* que traz o conceito de "empoderamento feminista" que, segundo Joice Berth (2019), vai além da simples ideia de dar poder às mulheres — trata-se de conscientização crítica, autonomia e transformação social. Em sua obra, Berth argumenta que empoderar mulheres é um processo político e coletivo, que envolve o reconhecimento das estruturas de opressão (como o machismo, o racismo e o classismo) e a ação para enfrentá-las. A autora critica a forma como o termo "empoderamento" foi esvaziado e cooptado pelo mercado, transformado em algo superficial e individualista, ligado ao consumo e ao sucesso pessoal. Por isso, o verdadeiro empoderamento feminista não se limita ao "girl power", mas exige construção de consciência, solidariedade entre mulheres e mudança estrutural.

No Romance XIV temos um poema de vinte e duas estrofes e oitenta versos que declamam a figura imponente de Chica da Silva, uma mulher negra que foi ascendida socialmente. Cecília traz esse poder que ela detinha após sua ascensão, sua relevância e expressa de maneira muita íntima e singular. Nas duas quadras

[7] Idem, p. 103.
[8] MEIRELES, p. 57

selecionadas, Cecília apresenta Chica da Silva como entidade santa, digna de muita admiração e adoração ao declamar tais versos: (Cecília Meireles p. 55)

Romance XIV ou da Chica da Silva[9]

Que andor se atavia
naquela varanda?
É a Chica da Silva:
é a Chica-que-manda!

Nos versos fica claro que o eu-lírico a consagra, a metáfora que Chica da Silva viria num andor como uma santa, cheia de ornamentação e adereços, é ela quem manda. Traz-se certa religiosidade e poder que a consagra, faze-a digna de tanta admiração e esplendor. Como se fosse um grito de liberdade, que era necessário. Não era somente necessário naquela época, esse grito ainda se faz necessário até os dias atuais. Chica da Silva, nos romances, muitas vezes aparece como uma mulher que transgride as limitações impostas pela sociedade patriarcal e escravocrata. Como mulher negra, ela desafia as noções de inferioridade racial e de subordinação feminina. Ela se utiliza de sua posição de escrava para conquistar autonomia e, a partir de sua relação com um homem branco, ascender socialmente, o que torna sua trajetória uma verdadeira inversão dos papéis esperados na sociedade colonial. Segundo Berth (2019) a figura de **Chica da Silva** se dá como uma **representação de resistência**, mas também de **complexidade** quanto ao que significa o empoderamento feminino dentro de uma estrutura social marcada pela **escravidão** e pela **hierarquia racial e de classe**. As questões do **empoderamento feminino**, especialmente em um contexto de opressão e limites sociais impostos às mulheres. Como se ler nos versos a seguir:

Vestida de tisso,
de raso e de Holanda,
- é a Chica da Silva:
é a Chica-que-manda!

Escravas, mordomos
seguem, como um rio,
a dona do dono
do Serro do Frio.

(Doze negras em redor,
- como as horas, nos relógios.

[9] MEIRELES, p. 55.

Ela, no meio, era o sol!)[10]

Chica da Silva é descrita como uma mulher de grande beleza e charme, o que ela usa para manipular os homens ao seu redor e conquistar poder. Lélia Gonzalez (2020) interpreta essa utilização da aparência não como uma forma de submissão, mas como uma estratégia consciente e empoderada. Chica seria uma mulher que, ao contrário das mulheres brancas que poderiam usar seu corpo dentro de uma perspectiva de limitação social, usa seu corpo como um veículo para avançar na sociedade e enfatiza sua capacidade de agir conforme suas próprias regras. Ela não é uma mulher passiva; ao contrário, ela é ativa em seu próprio destino. Isso se alinha com a visão da autora que entende que a emancipação da mulher negra está em sua capacidade de negociar os espaços sociais, mesmo dentro das limitações impostas por um sistema que visa reprimir essa mesma mulher.

Cecília Meireles apresenta Chica como uma figura de resistência, mas também de conflitos internos, evidenciando as complexidades de ser uma mulher negra em uma sociedade patriarcal e escravocrata. Lélia Gonzalez (2020), ao falar da mulher negra, enfatiza como ela é duplamente marginalizada: por ser mulher e por ser negra. Tais aspectos se refletem nos versos cecilianos, que abordam a luta de Chica da Silva contra essas opressões, ao mesmo tempo em que ela se vê condicionada pelas expectativas de uma sociedade colonial, como aponta os versos a seguir:

(*Por baixo da cabeleira,*
tinha a cabeça rapada
E até dizem que era feia.)

A personagem de Chica, como figura histórica, pode ser vista como uma representação dessa mulher que busca emancipação, mas é constantemente limitada por estruturas de poder e pela necessidade de sobreviver dentro de um sistema profundamente desigual. Para **Joice Berth** (2019), o empoderamento de Chica da Silva não pode ser visto apenas como uma vitória total. Ao fazermos essa análise percebemos que o empoderamento da personagem é **parcial**, uma vez que ela transita entre as **estruturas de dominação masculina e escravocrata**. Chica exerce

[10] MEIRELES, p. 55.

poder, mas esse poder está profundamente entrelaçado com as relações de **submissão** e **dependência**, refletindo as contradições das mulheres negras naquela época, especialmente no contexto do Brasil colonial. Embora Chica da Silva **se aproprie de um certo grau de poder**, tornando-se uma figura de grande influência social e econômica, esse empoderamento é sempre **condicionado ao jogo de interesses do patriarcado** e da sociedade colonial. Berth vê nessa complexidade uma crítica ao **feminismo limitado e eurocêntrico**, que frequentemente ignora as especificidades de mulheres como Chica, cujas escolhas e formas de resistência estavam entrelaçadas com a **sobrevivência e os limites impostos pela sociedade colonial.**

Nos versos da poeta inconfidente Chica da Silva é uma mulher que busca autonomia, mas sua luta está imersa em um contexto patriarcal que não permite uma verdadeira liberdade para as mulheres, especialmente para as mulheres negras. Meireles parece, por meio de seus romances, refletir sobre as limitações impostas pelo sistema colonial e patriarcal, enquanto também aponta para as estratégias de resistência que as mulheres, como Chica, tentam desenvolver para conquistar um espaço no mundo. Nesse sentido, ela se alinha ao pensamento de Gonzalez (2020), que vê as mulheres negras como protagonistas de uma resistência que é constantemente desafiada por um sistema opressor, mas que nunca é completamente submissa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra Romanceiro da Inconfidência revela como Cecília Meireles articula lirismo, memória histórica e crítica social a partir de uma perspectiva que valoriza personagens marginalizados, como é o caso de Chica da Silva. A escolha por retratar uma mulher negra, ex-escravizada, em posição de destaque e poder, rompe com as narrativas tradicionais da história brasileira e insere a obra no campo dos estudos de gênero, feminismo e negritude.

Dessa maneira, ao analisar o empoderamento feminino de Chica da Silva em *Romanceiro da Inconfidência*, é possível perceber como Cecília Meireles faz um uso inovador da figura histórica para discutir as dinâmicas de poder, resistência e a busca por autonomia das mulheres. A obra de Meireles é um exemplo de como a literatura pode ser uma ferramenta de reinterpretação histórica, ao mesmo tempo em que expõe as lutas de mulheres que, mesmo em situações adversas, foram capazes de

conquistar espaços de poder e influência. A relevância do trabalho está, assim, na sua capacidade de iluminar uma figura histórica importante, sublinhando a importância da mulher como protagonista de sua própria história.

Portanto, a relevância deste trabalho é imensa, pois além de enriquecer a compreensão de uma personagem histórica de grande importância, também ilumina a contribuição de Meireles à literatura e à discussão sobre o papel da mulher na sociedade brasileira. Ao focar em Chica da Silva, *Romanceiro da Inconfidência* não apenas narra uma parte importante da história, mas também insere a mulher como uma protagonista ativa e estratégica dentro de um contexto de revoltas e transformações sociais. Por fim, esse empoderamento, longe de ser uma simples reinterpretação histórica, é uma afirmação de que as mulheres, especialmente as marginalizadas, têm um papel fundamental na construção de narrativas e na resistência frente à opressão.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Pólen, 2019.

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: **Problemas de gênero**: feminismo e subversão. Trad. Renato Aguiar. 16a ed. Coleção Sujeito & História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 17-70

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**.São Paulo: Editora Record, 2012.

DI STEFANO, Giuseppe. **Romancero**. Madrid: Editorial Castalia, S.A, 2009.do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FAUSTO, Boris. **A história do Brasil**. 2 Ed. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

FERRÉ, Pere. **Romanceiro e Memória. Memória e Sabedoria.** Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, Centro de Estudos Comparatistas, Húmus, p. 435-458, 2011. FERNANDES, Leonardo Paiva.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Imagens do negro na literatura brasileira**. São Paulo: Editora brasiliense, 2011.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da silva e o contratador de diamantes – o outro lado.** Companhia das Letras, 2003.

GONÇALVES, Adalgimar Gomes. **As personagens negras no romanceiro da inconfidência: uma escritura inclusiva**. Belo Horizonte Faculdade de Letras da UFMG 2009.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2020.

LÔBO, Yolanda Lima.**Cecília Meireles**. Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. 9 Ed. São Paulo: Global, 2012.

MEIRELES, Cecília.**Poesia completa.** Vol. 1. Editora Nova Fronteira, 2001.

MOISÉS, Massaud.**A criação literária: poesia.** Editora Cultrix, 2003.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. **Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília.** Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

TUNA, Gustavo Henrique. **Um país no horizonte de Cecília**. São Paulo: Global editora, 2021.